

Por um Jornal da Maré: *diga que nome você quer!*

Concurso tem
participação
intensa!

Pág. 3

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 2 - Janeiro de 2010

DEMOCRACIA NA MARÉ

Cinco associações de moradores da Maré elegeram democraticamente sua nova diretoria nos últimos meses. A escolha de representantes dos moradores, pelo voto, fortalece as associações e indica um momento de novas conquistas de direitos e melhorias para o bairro. **Pág. 6**



A arte de ir à praia

Moradores da Vila Cruzeiro levam a praia para o palco, como representação do direito à cidade. As dificuldades desde o percurso e os encontros e desencontros vividos durante uma ida à praia da zona sul, em pleno sábado de sol, são apresentados com humor na nova peça do Teatro da Laje. **Pág. 11**



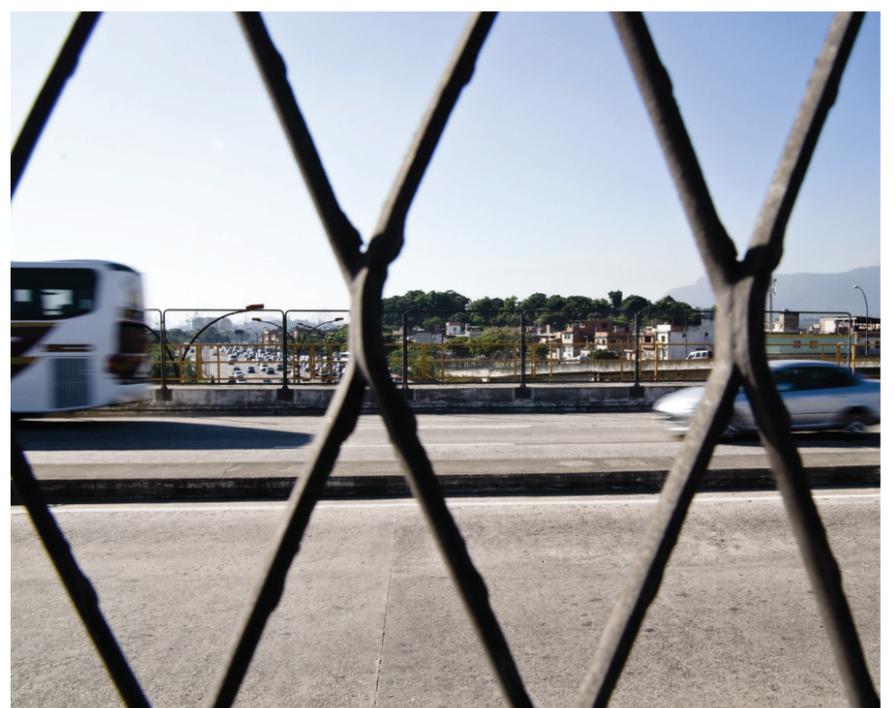
Shyrlei Rosendo

Ações da Prefeitura no bairro em 2010

Clínica da Família, reforma da Lona Cultural da Maré, obra em escola e em creches, remoção de moradores, economia solidária, microcrédito para pequenos empreendedores, entre outros projetos. O ano promete ser agitado! Neste edição, o Jornal dá o primeiro passo no acompanhamento das ações de governo nas comunidades do bairro. **Pág. 5**

Muro na Maré

Moradores discordam do projeto que pretende construir 11 km de muro nas Linhas Vermelha e Amarela, entre o Caju e a Ilha do Governador. "O muro vai ser enfeitado com paisagens da cidade do Rio de Janeiro, principalmente dos pontos turísticos da zona sul, para as pessoas falarem: 'Olha que lindo!' Ou seja, as imagens vão enfeitar a via expressa. E dentro da favela?", questiona Francisco Cesar, do coletivo Favela em Foco. **Pág. 9**



Favela em Foco

Grades serão substituídas por muro em trechos das linhas Vermelha e Amarela

Divirta-se de graça

Opções gratuitas espalhadas pela cidade garantem diversão e cultura no verão carioca. **Pág. 3**

Expediente

Instituição Proponente
Redes de
Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Eblin Farage
Edson Diniz
Eliana Sousa Silva
Fernanda Gomes

**Coordenadora do
Setor de Comunicação**
Viviane Couto

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio

Ação Comunitária do Brasil

Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência
de Mulheres da Maré - Car-
minha Rosa

Lona Cultural da
Praia de Ramos

Luta pela Paz

União Esportiva
Vila Olímpica da Maré

Editora executiva e jornalista responsável

Silvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb - 29919/RJ)

Rosilene Miliotti
(Estagiária)

Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Viviane Couto
(Repórter Comunitária)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Revisora

Silvia Noronha

Projeto Gráfico e diagramação

Anna Iannini

Assistente gráfico

Felipe Reis

Articuladora geral

Shyrlei Rosendo

Colaboradores

Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Elisângela Leite,
Favela em Foco
Flávia Oliveira,
Imagens do Povo
Marianna Araujo e
Vitor de Castro

Impressão

News Technology Gráfica
Editora Ltda

Tiragem

30.000

Redes de

Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes,
1012, Nova Holanda / Maré
Informações: (21) 3104.3276
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br

Parceiros



act:onaid

Editorial**Acontece na Maré**

Chegamos à segunda edição, que esperamos ser do agrado dos que se interessam por notícias da Maré, particularmente os próprios moradores, que desejam ser vistos e ouvidos, como todo cidadão carioca. Por isso, o tema da reportagem de capa aborda um dos canais de luta pela qualidade de vida no bairro: as associações de moradores.

Este número também dá início a um acompanhamento das ações públicas previstas para o bairro. Na página 5, apresentamos uma relação de projetos da Prefeitura em várias áreas. Dentre as ações, uma mereceu maior destaque no momento: a construção de um muro nas linhas Vermelha e Amarela (pág. 9).

Como a Maré faz parte da cidade, percorremos outros bairros para saber o que vem acontecendo por aí e encontramos cultura e lazer em vários pontos (leia na pág. 3) e também na Vila Cruzeiro (pág. 11).

Por fim, gostaríamos de agradecer os moradores pelo apoio ao novo jornal da Maré e pela participação no concurso que escolherá o nome deste novo veículo de comunicação do bairro.

Boa leitura!

**CONCURSO DE FOTO**

O Portal da Bem TV está com inscrições abertas para o Concurso "Clique o seu Lugar!", uma atividade da Plataforma dos Centros Urbanos, da qual participam várias instituições da Maré. O objetivo é envolver adolescentes de todo o Rio de Janeiro num exercício de reflexão sobre a qualidade de vida de crianças e adolescentes na cidade. Para isso, os participantes devem tirar fotos que reflitam sobre as qualidades e os problemas do lugar onde moram, no que se refere aos direitos de crianças e adolescentes. O concurso irá premiar fotos tiradas por celulares ou máquinas fotográficas amadoras, com resolução mínima de 2 megapixels. Poderão concorrer adolescentes entre 12 e 17 anos, individualmente ou em grupos de até cinco pessoas. Os prêmios para as fotos vencedoras são passeios para parque aquático e convites para cinema. As fotos inscritas integrarão uma exposição, para a qual todos os participantes serão convidados. Inscrições até 26 de fevereiro. Veja as regras em <http://www.bemtv.org.br>.

QUE NOME VOCÊ QUER!

Dia 15 de janeiro foi encerrado o Concurso Cultural "Por um jornal da Maré: diga que nome você quer?", conforme o regulamento publicado na primeira edição e também no blog <http://escolhaonomedojournal.blogspot.com/>. Moradores do bairro participaram ativamente e foram registradas também sugestões de pessoas de fora da Maré. Infelizmente, como diz o regulamento, somente moradores podiam participar.

O vencedor, que ganhará um computador, ainda não foi escolhido pela comissão julgadora. Acompanhe o trabalho de escolha do nome pelo blog do jornal! Visite <http://escolhaonomedojournal.blogspot.com/>.

Jornal da Leopoldina/O Globo, de 1984, sobre a eleição na associação de moradores, após a ditadura

Divirta-se de graça neste verão!

Preparamos uma agenda com opções gratuitas para você e sua família se divertirem no Rio

Ratão Diniz | Imagens do Povo



Piscina da Vila Olímpica da Maré, onde tem colônia de férias até 29 de janeiro

Rosilene Milliotti

Janeiro e fevereiro são meses ideais para passear e curtir a cidade com amigos e familiares. Há várias opções de lazer de graça na Maré e em várias partes da cidade do Rio de Janeiro para a diversão de crianças, jovens e adultos. Confira a seguir algumas atividades oferecidas que se estendem até fevereiro.

A tradicional colônia de férias da Vila Olímpica da Maré, que acontece há nove anos, terá atividades de 19 a 29 de janeiro. A entrada é franca e não precisa ser aluno da Vila nem fazer inscrição. Quem quiser participar é só aparecer na Vila Olímpica com roupa para a piscina (meninas de maiô e meninos de sunga). Crianças com 5 e 6 anos devem ir acompanhadas dos responsáveis maiores de 18 anos, e dos 7 aos 17 anos, podem participar livremente na piscina. Para os adultos haverá aula de hidroginástica e de ginástica.

Em outros pontos da cidade, a Secretaria Municipal de Cultura lançou o projeto "Um Verão de Amor ao Rio", com uma programação variada para atender a todos os gostos: luau, shows, dança e espetáculos teatrais. A coreógrafa e bailarina Deborah Colker irá ministrar aulas de corpo na Praça Paris, no centro do Rio, nos dias 24 e 31 de janeiro, e 7, 21 e 28 fevereiro, sempre às 9h. E em 29 de janeiro, às 18h, haverá "Samba na Praça", com Luana Carvalho, filha de Beth Carvalho, e Arrasta Sandália na Praça Albino Pinheiro, ao lado do Teatro João Caetano, no centro do Rio.

Luau na Urca e Claudia Raia na Quinta

Também tem programação na praia. O "Luau ao Pôr-do-Sol", com música nas areias da orla, está agendado para as 18h de 29 de janeiro, na praia da Urca, com Ana Costa. Para quem gosta de umas compras, mesmo nas férias também tem o Mercado dos Arcos da Lapa, uma feira que acontece quinzenalmente, com foco em produtos sustentáveis, reciclados e artesanato nos dias 24 e 31 de janeiro e 14 e 28 de fevereiro, das 11h às 16h.

Quem prefere teatro terá a oportunidade de assistir à Mostra Internacional de Teatro de Animação do Rio de Janeiro, que acontece de 3 a 7 de fevereiro, em três pontos da cidade: Largo da Carioca, Aterro do Flamengo e Quinta da Boa Vista. No dia 7 de fevereiro, às 11h, a peça "Os Bufos da Matiné" será encenada no Teatro de Fantoques e Marionetes Carlos Werneck, no Aterro do Flamengo.

Em 17 de fevereiro, às 17h, na Quinta da Boa Vista, a atriz Claudia Raia protagoniza o espetáculo musical "Pernas Pro Ar", que já passou por temporadas em diversas cidades do país.

Nos fins de semana de janeiro, a partir das 18h, acontecem os ensaios das escolas de samba dos grupos especial e de acesso na Marquês de Sapucaí; e em dezenas de pontos da cidade vários blocos de rua preparam o carioca para o carnaval. Na Maré, um deles é o Se Benze que Dá, do Timbau, com ensaio aberto marcado para 30 de janeiro, às 17h, na rua João de Magalhães com Guilherme Maxwell (rua da Escola Bahia), mesmo local de saída dos dois desfiles, em 6 e 20 de fevereiro, às 9h.

Acompanhe outras dicas de verão no blog do jornal (<http://escolha-onemedojournal.blogspot.com>).

LC Franca

Silvia Noronha



Feira na Lapa



Vista da Urca, onde tem luau

GRÁTIS:

- **Colônia de férias.** de 19 a 29 de janeiro, de 9h às 16h, para crianças a partir dos 5 anos. Adultos: hidroginástica, às 8h e às 13h; e ginástica às 9h e às 14h. Na Vila Olímpica da Maré
- **Déborah Colker** – Aula de corpo. Dias 24 e 31/01, e 7, 21 e 28/02, às 9h. Praça Paris, no centro.

- **Luana Carvalho e Arrasta Sandália.** "Samba na Praça". 29/01, às 18h. Praça Albino Pinheiro, centro.

- **Ensaio das escolas de samba.** Às sextas-feiras, sábados e domingos até 07/02, sempre a partir das 18h. Marquês de Sapucaí.

- **Luau ao Pôr-do-Sol.** Com Ana Costa. 29/01, às 18h, na praia da Urca.

- **Se Benze que Dá.** Bloco carnavalesco da Maré. Ensaio aberto em 30/01, às 17h. Rua João de Magalhães com Guilherme Maxwell (mesma rua da Escola Bahia).

- **Mostra Internacional de Teatro de Animação do Rio de Janeiro.** 03 a 07/02. Largo da Carioca, Aterro do Flamengo e Quinta da Boa Vista. Vários horários. Dica:

- "Os Bufos da Matiné", 07/02, às 11h. Teatro de Fantoques e Marionetes Carlos Werneck, Aterro do Flamengo.

- **Cláudia Raia.** "Pernas Pro Ar". 17/02, às 17h. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão.

- **Mercado dos Arcos.** Produtos sustentáveis, reciclados e artesanato. Dias: 24 e 31/01; 14 e 28/02, das 11 às 16h. Praça dos Arcos da Lapa, centro.

Soluções para reduzir a violência

Ações serão bem sucedidas se realizadas por policiais honestos e que respeitem os moradores

Texto e Foto: Silvia Noronha

O Brasil apresenta a quinta maior taxa de homicídio de jovens de 15 a 24 anos de idade, entre os países da América Latina e Caribe. E dentro do Brasil, o Rio de Janeiro tem uma das taxas mais elevadas. Em 2006, último dado disponível no Sistema de Informação sobre Mortalidade do Datasus, do Ministério da Saúde, foram 100 jovens assassinados a cada 100 mil habitantes. A maior parte dos casos é de homens negros e pardos mortos a tiros.

Com o objetivo de apontar recomendações para mudar esta realidade, pesquisadores do Centro de Estudos de Segurança Pública e Cidadania (CESeC), da Universidade Cândido Mendes, fizeram um detalhado estudo a respeito do tema, intitulado “Meninos do Rio: Jovens, violência armada e polícia nas favelas cariocas”. A pesquisa envolveu discussões com 87 jovens, técnicos de projetos locais e mães, moradores de favelas cariocas, incluindo traficantes e ex-traficantes; entrevistas com 16 lideranças e personagens, além de pesquisa quantitativa, realizada com 241 rapazes e moças do Complexo do Alemão e da zona oeste, e outra qualitativa com 104 pessoas.

As metas principais foram atualizar e aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas de atração, manutenção e saída de jovens nos processos de violência armada (especialmente o tráfico de drogas) e fazer recomendações ao escritório do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Juventude (Unicef), no Rio de Janeiro, para subsidiar o desempenho de seu papel específico na agenda de ações contra a violência.

Até então a única investigação quantitativa de fôlego havia sido feita pelo Observatório de Favelas, no projeto Rotas de Fuga, que ouviu 230 adolescentes e jovens trabalhando no comércio varejista de drogas em favelas, em 2004.

Uma das primeiras constatações do CESeC foi a queda nos rendimentos dos jovens que assumem diversas funções no tráfico. Mesmo assim, os jovens continuam ingressando no negócio, mas as bocas de fumo passaram a ser pontos de referência não só para a venda de drogas, como também para outras atividades criminosas que dependem das armas, como a realização de roubos fora das favelas.

Esta questão foi considerada importante porque a busca por melhor remuneração não é mais apontada pelos jovens como tão decisiva para a entrada na atividade como foi no passado. Hoje, contam o desejo de visibilidade e até a facilidade de conquistar meninas, entre outras razões. “Entre outras decorrências, nos obriga a reconhecer o limite dos projetos para jovens de favelas que baseiam sua existência na oferta de ajuda financeira (bolsas)”, cita Silvia Ramos,

uma das coordenadoras do estudo, no texto publicado sobre a pesquisa no Boletim do CESeC de dezembro passado.

Fracasso das políticas de segurança

Ao contrário do que se poderia imaginar, a crise do tráfico (acentuada nos últimos três anos) agravou a violência em várias comunidades do Rio, segundo os pesquisadores. “É importante ter em mente que, no momento da crise das drogas, o fortalecimento – e não o enfraquecimento dos diversos grupos que mantêm domínio territorial armado, incluindo as milícias – deveu-se acima de tudo ao fracasso das políticas de segurança no estado e na cidade, especialmente das políticas para as favelas e bairros populares”, avalia Silvia Ramos. O estudo verificou ainda o fortalecimento da lógica de controle territorial pela expansão de grupos armados com participação de policiais, denominados milícias.

O estudo conclui que a ação da polícia – acusada, em muitos casos, de corrupta e em outros, de desrespeito aos moradores de comunidades populares – foi um fator decisivo para que a violência tenha chegado a este ponto no Rio de Janeiro. Com isso, Silvia Ramos lembra que as ações do estado nas favelas serão bem sucedidas somente se forem realizadas por policiais honestos e respeitosos em relação aos moradores das comunidades.

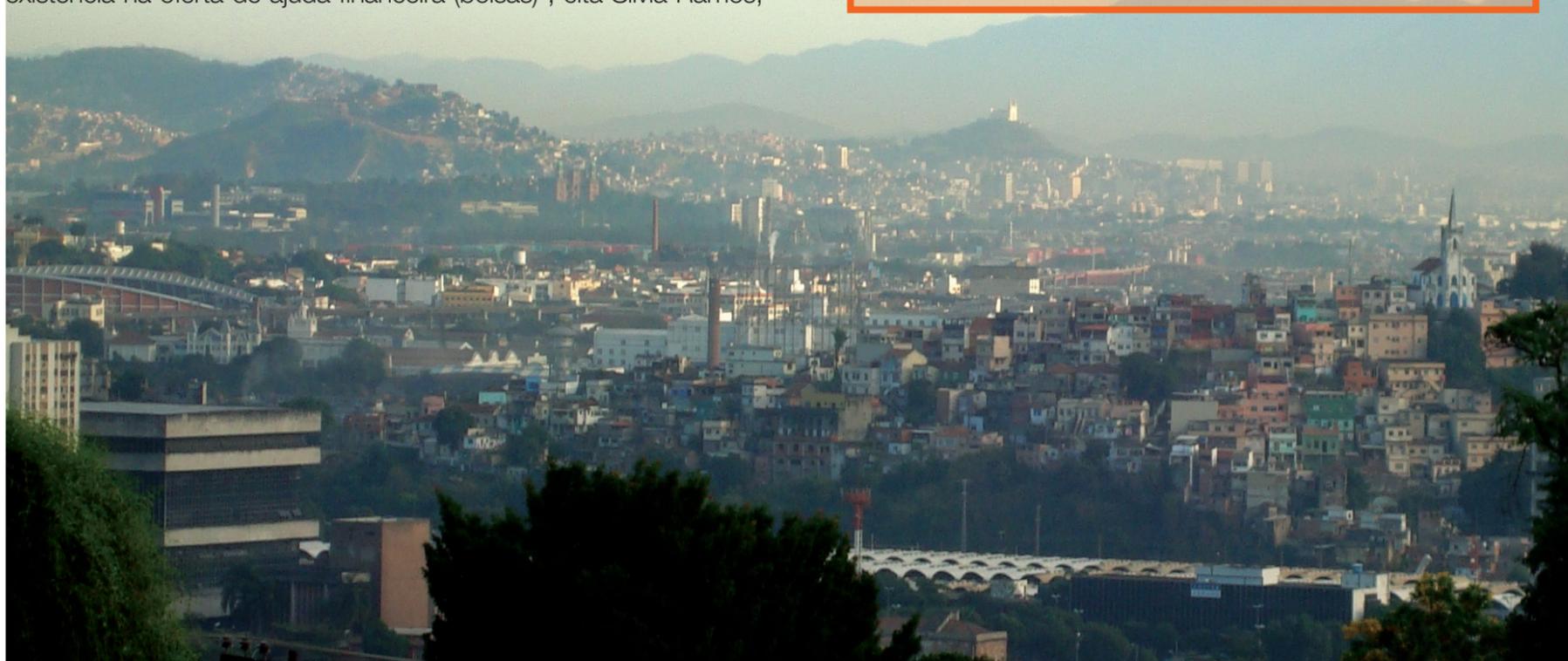
Relatos de participantes da pesquisa sobre tráfico e violência*

“Com certeza, eu trabalhando no sinal, ganho mais dinheiro do que vagabundo que trabalha no morro. Não só os novinhos não, tô falando de gerente”
Ex-traficante, atualmente em uma cadeia de rodas

“Não tem mais essa remuneração, eles conseguem assim comprar um tênis, mas não arrumam mais do que isso, o que eles conseguem hoje e é demais é a atenção dessas meninas. Elas ficam loucas, arma e cordão de ouro” **Técnico de projeto em favela**

“Eles (os policiais) entram e acham que é tudo roubado. Tem geladeira nova, acham que é roubada, se a geladeira tá cheia ‘ah isso tá cheio demais’, colocam no chão e mijam em cima”
Mãe de um adolescente sob medida socioeducativa

* Fonte: Boletim do CESeC nº 13, dezembro de 2009.



Vista do centro para a zona norte, uma das áreas que mais sofrem com a violência.

Políticas públicas para a Maré

Fique por dentro dos principais programas da Prefeitura já anunciados para o bairro até 2012



O estado precário da Escola Municipal Nova Holanda, vista de frente

Texto: Sílvia Noronha | Fotos: Hélio Euclides

O ano novo chegou! Com ele, não vem apenas os desejos de muitas realizações, sucesso e paz para todos os moradores da cidade. Pelo orçamento do município, feito pela Prefeitura e enviado à Câmara de Vereadores para aprovação, é possível saber de muitas intervenções para a região da Maré em 2010. Já é possível conhecer também os principais programas previstos até 2012, de acordo com o Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro, divulgado no final do ano. Nesta edição, o jornal da Maré apresenta um primeiro panorama a respeito das novas ações municipais.

Na área de educação, a secretaria municipal anunciou para este ano a reforma de três unidades do bairro: Escola Nova Holanda e Creches Cléia Santos de Oliveira, também na Nova Holanda, na rua Sargento Silva Nunes, e a do Timbau, na rua Praia de Inhaúma. Em relação à Escola Municipal IV Centenário, o término das obras está previsto para o próximo mês de maio. Assim, os alunos que atualmente dividem espaço com os estudantes da Escola Municipal Bahia poderão retornar às suas salas.

Além disso, novos projetos educacionais estão sendo programados. Um deles é o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), novo modelo de atendimento à primeira infância, que integra creche e pré-escola numa mesma unidade. Esses espaços concentrarão crianças de 3 meses a 5 anos e meio de idade. A secretaria estuda a possibilidade de tornar a Creche Municipal Pescador Albano Rosa, na Baixa do Sapateiro, em EDI.

Outra novidade é o início do programa Saúde nas Escolas, que promete uma unidade fixa de enfermagem em 350 escolas da Prefeitura até 2012, sendo 130 até dezembro deste ano. Haverá ainda equipes móveis formadas por pediatras, psicólogos, fonoaudiólogos, dentistas e assistentes sociais, que farão visitas regulares às unidades de ensino. Entretanto, a secretaria não informou se as escolas da Maré serão atendidas ainda este ano. Sabe-se apenas que o projeto terá início pelas Escolas do Amanhã.

A Secretaria Municipal de Saúde também anunciou suas metas, nem todas incluindo a Maré, ao menos por enquanto. É o caso do Programa de Atendimento Domiciliar ao Idoso (PAD), ainda sem previsão para o bairro. Por enquanto, a secretaria confirma apenas a instalação de cinco Clínicas da Família na Maré até o final de 2012, sendo uma em 2010, em local a ser definido.

Remoção de moradores

Um projeto que já provoca polêmica é a anunciada construção de um muro nas Linhas Vermelha e Amarela (leia matéria na página 8 desta edição). Outra intervenção que mexerá com a vida de muitas famílias é a remoção dos moradores de 282 casas do bairro, sendo 121 na localidade Pata Choca, que fica atrás do Conjunto Esperança; outras 115 na Avenida Canal e mais 14 na Avenida Canal II, na Vila do João. Além dessas, serão demolidas outras 32 de Mandaca-



Vista do alto da unidade que entrará em reformas

ru II, que fica na fronteira da comunidade Marcílio Dias com a Penha. A justificativa é de que as casas estão em área de risco, de proteção ambiental ou destinadas a outros projetos, segundo informou o secretário municipal de Habitação, Jorge Bittar.

Não serão apenas moradores da Maré que terão de desocupar suas casas. A secretaria anunciou um total de 12.196 domicílios a serem demolidos em diversas comunidades até 2012. Deverão ser gastos R\$ 244 milhões para reassentar as famílias. Parte delas receberá um Aluguel Social, no valor de R\$ 250 por mês, até que adquiram uma residência própria pelo programa do governo federal Minha Casa, Minha Vida. Outros moradores entrarão no programa Compra Assistida, da Prefeitura, que prevê a aquisição de um imóvel usado num valor equivalente ao da casa que a família perderá. Ainda não é possível saber se o valor será suficiente.

Jorge Bittar, garantiu diálogo com as comunidades atingidas, portanto, as famílias podem exigir este direito. A primeira etapa do trabalho será um cadastramento das famílias. Bittar anunciou ainda que a partir de agora haverá mais controle para impedir o crescimento de favelas no Rio.

Cultura e cidadania

Na área da Secretaria Municipal de Cultura, já está em andamento a obra de restauração da Lona Cultural da Maré que, em seguida, terá a agenda de atividades sob responsabilidade da Redes de Desenvolvimento da Maré. A instituição venceu a licitação para administrar o espaço e abrirá Edital de Seleção para definir os trabalhos.

Este ano também haverá na Maré projetos do Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania (Pronasci), do governo federal, a ser implantado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Solidário. Entretanto, a secretaria não adiantou nenhuma informação sobre o programa, criado para combater a exclusão social e promover a cidadania. Para a Maré, os programas previstos são: Economia Solidária e Geração Consciente. Além disso, a secretaria vai oferecer microcrédito para pequenos empreendedores do bairro, entre outras ações.

A Lei Orçamentária do município traz poucas informações por bairro, o que dificulta o acompanhamento por parte da população. Mesmo assim, atuando com os moradores, o Jornal da Maré se dispõe a ser uma ferramenta de fiscalização das políticas de governo previstas para as comunidades do bairro.

Remoção de casas na Maré	Localidade	Número de casas
*Fonte: Prefeitura do Rio	Pata Choca	121
	Avenida Canal	115
	Avenida Canal II	14
	Mandacaru II	32
	TOTAL	282

O movimento associativo na Maré se fortalece com a volta das eleições nas entidades

DEMOCRACIA NA MARÉ

Viviane Couto

Texto: Hélio Euclides

Na Maré são 16 associações de moradores que, como representantes das comunidades, cobram das autoridades providências e condições dignas de moradia. Tentando recuperar o processo participativo vivido nos anos 80, essas entidades agora mobilizam o morador para a escolha de seus líderes, em eleições diretas. A 30ª Região Administrativa incentiva esse passo das associações. “Depois que assumi, no início de 2009, já foram cinco votações diretas. É uma aula de democracia que a Maré está dando para o resto do Rio”, afirma o administrador regional, Hildebrando Gonçalves Rodrigues, o Del, de 38 anos.

Eleito pelo povo, Marco Antonio, conhecido como Marquinhos Gargalo, de 49 anos, da Vila do João, exalta a democracia. “Acho importante para os moradores a escolha desses síndicos da comunidade”, resume. As eleições visam reconquistar o reconhecimento das associações pelos moradores das favelas. “É legal e diferente votar pela primeira vez, ter o direito de escolha”, diz o morador da Vila do João, Jéferson Peixoto, de 26 anos, que participou das eleições da comunidade.

O momento atual, aos poucos, vai deixando para o passado aquele período em que a política neoliberal desmobilizou e acomodou muitas pessoas. “O problema das associações na década de 90 foi igual ao daquele cara que tinha dinheiro para comer bem. Contudo, um dia ele sente fome e percebe que o dinheiro acabou. Na década de 90, as associações ficaram acomodadas”, ressalta o professor de Caratê, inspetor de ensino e pai social, Aurelino Medrado de Jesus, de 59 anos, ex-presidente da Associação da Vila do João. “É muito legal ver todos votarem, até não sócios. O importante é que todos me elegeram”, exalta Osmar Paiva Camelo, de 49 anos, eleito presidente da Associação do Morro do Timbau.

Nos últimos anos, as associações têm tentado desempenhar novamente um papel fundamental na conquista das necessidades locais, tornando-se um importante canal de negociação da população com o poder público. Na Maré as associações também resgatam o contato com a Região Administrativa para soluções dos problemas. “Antigamente os que tinham contatos com político de maior influência recebiam mais serviços que outros. Hoje todos os presidentes são atendidos de igual forma”, afirma Del.



Moradora do Morro do Timbau vota na eleição da associação

Um desses eleitos democraticamente pede melhorias: “Gosto do Del e sei a situação difícil que ele pegou a RA, mas preciso da ajuda dele, pois minha associação é a mais problemática”, relata o presidente da Associação de Moradores do Parque Ecológico, João Cláudio de Souza Lima, de 41 anos. O local, um dos poucos espaços de lazer no bairro, está em mau estado de conservação.

Os líderes comunitários são unânimes quando o assunto é o morador. “Quero chamar novamente os moradores para a associação. Sem eles eu não sou ninguém”, clama a presidente da Vila do Pinheiro, Mônica Corito Adriano, de 42 anos. Para outros, a associação não tem segredos. “Com pedra, lama, educação e perseverança, podemos chegar a todos”, diz a presidente do Conjunto Esperança, Marilene Lopes da Silva, 64 anos. Já a presidente da Marcílio Dias, Viviane Silva de Oliveira, de 33 anos, reclama da falta de apoio. “Há muita cobrança, mas poucos colaboram mensalmente”, desabafa. O presidente da Baixa do Sapateiro, Charles Gonçalves Guimarães, de 51 anos, pede

Processo em construção

Em entrevista ao Jornal da Maré, dois dirigentes de entidades que congregam várias associações afirmam que a reconquista da democracia nas entidades é um processo ainda em construção.

Hélio Euclides

Hélio Euclides



Rossino de Castro Diniz,
55 anos.

Presidente da Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (Faferrj).



Sebastião da Silva Rodrigues,
o popular Sebaba, 55 anos

Diretor Cultural da Federação Municipal de Associações de Favelas Rio de Janeiro (FAF-RIO).

Como você vê o movimento das associações de favelas hoje?

Rossino: Hoje está complicado, pois são três esferas de poder que fazem com que ela perca a característica: as milícias, o tráfico e os políticos.

Sebastião: Ainda falta muita coisa para se saber a função e o papel do movimento comunitário.

Está voltando a democracia nas entidades?

R: Espero sempre que o presidente seja votado e não colocado. Essas eleições são momentos, ocorrem porque há facções mais democráticas. Contudo o morador tem que participar da associação e o presidente necessita prestar contas.

S: Na década de 90 o poder paralelo administrava. Agora está crescendo a democracia nas associações. A ficha está caindo, a de que se os moradores não participarem, o trabalho não será legitimado.

E os governantes trabalham em parceria com as associações?

R: Hoje o governo não está junto com a gente, o trabalho social está fragilizado. A solução são os governantes tratarem a favela como um todo, sem discriminação.

S: Não mudou nada, ainda há interesses políticos no poder municipal, que escolhe quem vai ajudar, é um feudo. Tem que usar os órgãos da imprensa, como o novo Jornal da Maré, para denunciar.



Fila de moradores na eleição da Vila do João

a ajuda da comunidade. “O morador precisa valorizar mais as associações. Ver com outros olhos e saber que temos dificuldades, pois dependemos da ação do poder público na comunidade”, finaliza.

Histórico das associações na Maré

Vicente Mariano, que deu nome a um Ciep da Maré, organizou os Encontros Estaduais de Favelas na década de 80. No segundo encontro, Atanásio Amorim, que na época era o presidente da Associação da Baixa do Sapateiro, propôs que as favelas com pelo menos 20% de casas construídas em alvenaria não poderiam ser removidas, só em caso de utilidade pública. O projeto foi aprovado e Atanásio se mobilizou. “Incentivamos escondidos a construção de alvenaria das casas, para o encaixe no projeto. Esse foi um triunfo”, lembra o alfaiate Atanásio, hoje com 79 anos.

Nessa fase, a Ação Comunitária do Brasil deu os primeiros passos para a organização da Vila do João, uma das últimas comunidades da Maré a criar sua representação. No final de 1982, foram escolhidos os representantes de quadra. Depois veio a ideia do Conselho de Representantes de Quadra para discutir problemas e soluções para a falta de água, luz e esgoto. No andamento surgiu o Conselho de Representantes de Moradores, Conselho de Moradores e, por fim, a Associação de Moradores da Vila do João.

Para saber mais sobre o histórico das associações, leia o artigo “A Força da Mobilização Social”, na página 8.

“Antigamente os que tinham contatos com político de maior influência recebiam mais serviços que outros. Hoje todos são atendidos de igual forma”

Hildebrando Gonçalves Rodrigues, o Del,
administrador da 30ª RA

Associações das comunidades da Maré:

Conjunto Esperança

Presidente: Marilene Lopes da Silva.
Rua Manoel Falcão A.
Maranhão, 129
Telefone: 2573-5958.

Vila do João

Presidente: Marco Antonio B. Gomes (Marquinhos Gargalo).
Rua 14 nº 224
Telefone: 3104-9785.

Conjunto Pinheiro

Presidente: Alderley Júlio dos Santos.
Via B/9 s/nº - Telefone:
3109-2169

Vila do Pinheiro

Presidente: Mônica Corito Adriano.
Via A/1 nº 135
Telefone: 3109-2576.

Parque Ecológico

Presidente: João Cláudio de Souza Lima.
Via B/9 nº 1
Telefone: 9522-1616.

Morro do Timbau

Presidente: Osmar Paiva Camelo.
Rua dos Caetés, 131
Telefone: 3105-7008.

Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Presidente: Clemilda Vicente de Carvalho.
Avenida Bento Ribeiro Dantas, s/nº
Telefone: 2005-5980.

Baixa do Sapateiro

Presidente: Charles Gonçalves Guimarães.
Rua Nova Cannã, 08
Telefone: 2290-1092.

Conjunto Nova Maré

Presidente: Flávio Aguiar Rodrigues
Rua C. Bloco 100, Loja 6
Telefone: 3105-4180.

Parque Maré

Presidente: José Gomes Barbosa (Zé Careca).
Rua Flávia Farnese, 45
Telefone: 3105-6930.

Nova Holanda

Presidente: Marcos Antonio Castro de Oliveira (Rafael).
Rua Sargento Silva Nunes, 1.008
Telefone: 3105-7148.

Parque Rubens Vaz

Presidente: Vilmar Gomes Crisóstomo (Magá).
Rua João Araújo, 117
Telefone: 3105-7146.

Parque União

Presidente: Deraldo Batista dos Santos.
Rua Ary Leão, 33
Telefone: 3882-5510.

Parque Roquette Pinto

Presidente: João Batista da Silva Segundo.
Rua Ouricuri, 135
Telefone: 8546-2046.

Praia de Ramos

Presidente: Jaime Felipe da Silveira.
Largo da Felicidade, 02
Telefones: 9198-9012 / 7889-9905
(Magno – Vice).

Conjunto Marcílio Dias

Presidente: Viviane Silva de Oliveira.
Sala no Cais (provisório)
Telefone: 8260-0969.

Colunista

Eliana Sousa Silva*



A Força da Mobilização Social

Atualmente, nos acostumamos a ver a paisagem da Maré dominada por uma série de serviços e equipamentos públicos: ruas asfaltadas; energia; telefonia; oferta de água; esgoto; escolas, postos de saúde, creches etc. O acesso a esse conjunto não aconteceu por um ato de vontade dos diferentes governos. Ele decorreu, acima de tudo, de um longo processo de mobilização dos moradores.

A década de 80, no Brasil, teve como marca o fato de ter sido o período de passagem do país da ditadura para a democracia, para a afirmação de um projeto de nação. O grito por “Diretas Já”, slogan da campanha que exigiu eleições diretas para presidente, sintetizou o desejo maior de todos os brasileiros por liberdade política. Ele foi repetido e gritado por milhões de brasileiros. O estabelecimento de uma nova constituição, apesar de seus limites, foi outro elemento central no processo.

Todas as mudanças se fizeram verdade em nosso país por um fator determinante: a maior parte do povo, dos brasileiros, de variadas formas, se organizou e se mobilizou por diferentes caminhos pela defesa de seus direitos: sindicatos, associações de moradores de bairros e de favelas, partidos políticos etc. Assim, vivemos e desfrutamos, hoje, sem dúvida, os efeitos dessas lutas.

No que diz respeito às favelas, em especial a Maré, esse movimento de mobilização foi muito marcante e certamente influenciado por toda essa dinâmica mais geral. Na década de 80 eclodiu, na Maré, bem como em outras favelas do Rio de Janeiro, uma articulação para que as populações de favelas escolhessem pelo voto direto os seus representantes nas associações de moradores. Na ocasião, tive a oportunidade de ver acontecer na Rocinha a primeira eleição direta, com participação massiva dos moradores, que elegeram uma mulher para presidir a associação.

Moradora de uma das favelas da Maré, a Nova Holanda, e no quadro de envolvimento com os problemas que afetavam a nossa vida, concorri, em 1984, como candidata a presidente nas eleições da Associação de Moradores. Estava com 22 anos. Fazia parte da Chapa Rosa, cor que simbolizava o peso das mulheres no processo de lutas comunitárias e o papel feminino como dirigente nas reivindicações locais. Foi um inesquecível processo eleitoral, o primeiro na história da comunidade, visto que, até então, a Fundação Leão XIII, órgão do estado ligado à Secretaria de Ação Social, escolhia a diretoria da instituição.

A eleição foi marcada pela participação da maioria dos moradores e pela esperança de que, daquele momento em diante, muitas transformações aconteceriam, pois as pessoas estavam mobilizadas e buscando fazer valer os seus direitos. Nesse clima de esperança, fé e alegria ganhamos o pleito com uma larga margem de votos de vantagem.

Os oito anos seguintes em que fiz parte da associação se caracterizaram pela continuidade da forte mobilização popular. O processo, em um quadro de redemocratização do país, como apontado acima, e de maior abertura dos governos para as demandas populares, gerou a conquista de praticamente todos os serviços básicos para Nova Holanda. A dinâmica influenciou o conjunto das favelas integrantes da Maré a buscarem novas formas de se relacionarem com o Estado, bem como a se unirem para conquistarem as melhorias de maneira organizada.

A experiência da Chapa Rosa, que ficou na memória dos moradores que a viveram, foi uma das mais belas experiências construídas pelos moradores da Maré. Ela demonstra a força e a importâncias da mobilização local. Refletindo sobre ela, fica evidente que precisamos manter vivas e ampliar as diversas formas de organização e de lutas, de modo que possamos avançar ainda mais na construção de uma Maré com mais qualidade de vida e mais próxima do espaço que todos, certamente, sonhamos.

* Eliana Sousa Silva é diretora da Redes da Maré.

Colunista

Aydano André Motta*



Estação intolerância

A viagem, promete a propaganda oficial, será refrigerada e pontual, o mais próximo que se chega por aqui do padrão europeu de transporte de massa. Mas que o passageiro não se engane: no desembarque, a mazela estará à espreita, com a crueldade habitual. Está escrito nas estrelas do preconceito – com a chegada do metrô a Ipanema, o verão de 2010 revisitará a intolerância de década e meia atrás (ou de sempre).

Os habitantes do subúrbio que decidirem exercer o supercarioca direito do lazer na praia devem carregar a orientação segura ao lado do filtro solar: não são bem-vindos pelos autodefinidos senhores do mar, da paisagem, do bem-estar urbano. Das areias às ruas arborizadas, emolduradas pelos cenários de cartão-postal, o sentimento é de clube fechado.

O cacoete chegou nesta terra morena e leniente com as caravelas de Cabral (o português). Quando o assunto é seu quintal, nossa elite brande direitos que não tem, em nome de uma não confessada exclusão. Tranca-se em grades e blindagens, esconde-se atrás de insulfilmes e meganhas particulares, para fugir da violência, sim – mas também atrás do delírio de tornar exclusivo o território comum. Escolhe resoluto o atraso como estilo de vida, apesar de todas as evidências em contrário, mundo afora.

Para ficar na praia, basta lembrar 1984, quando a distância entre Ipanema e o subúrbio começou a encurtar. Na primavera daquele ano, o governo Leonel Brizola inaugurou a linha 461, que liga – até hoje – São Cristóvão a Ipanema, na rapidez e praticidade do Túnel Rebouças. Os pobres ganharam o atalho dos bacanas, que abolia a volta na montanha, e a praia ficou um pouco mais perto.

A reação não tardou. “Nuvens suburbanas sob o sol de Ipanema”, mancheteou o “Jornal do Brasil”, na capa do então relevante Caderno B. O repórter Joaquim Ferreira dos Santos documentou os moradores do bairro da Bossa Nova em desconcertante sinceridade, praguejando o destino e as estrelas pelo desembarque dos alienígenas.

De lá para cá, não melhorou. Na década de 1990, a intolerância adormecida na ficção do povo que se mistura despertou no episódio conhecido como arrastão. Culpa dos pretos, profanadores do feudo pretendido por quem nasceu vizinho do sol. Ânimos serenados, voltou-se ao preconceito naturalizado, de olhares e piadas, trejeitos e desvios, caretas e sofismas.

Mas a intolerância está pronta para despertar, a cada trem que chega à nova estação. Assim, desça na plataforma com firmeza - e jamais se esqueça que a praia logo ali, a um punhado de passos, é do povo como o céu é do condor.

*Aydano André Motta é jornalista.

**Quer divulgar
a sua opinião?**

Escreva para a Redação do novo jornal da Maré!

Rua Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda / Maré

“Muro onde? Na Maré?”

Prefeitura vai instalar barreiras acústicas na Linha Vermelha, mas moradores não querem

Texto: Rosilene Miliotti | Fotos: Favela em Foco

A Prefeitura do Rio, em parceria com o governo do estado, desenvolve um projeto que prevê a construção de barreiras acústicas em torno de duas vias expressas da cidade, as linhas Amarela e Vermelha. Este muro deverá ser instalado nos trechos em que essas pistas cortam diversas comunidades populares. Serão cerca de 11 quilômetros de muros coloridos com desenhos de paisagens cariocas, no trecho entre a Ilha do Governador e o Caju.

A justificativa da obra é proteger os moradores da poluição sonora. Essas barreiras serão feitas com concreto e policarbonato, uma espécie de plástico transparente bastante resistente. Entretanto, ao anunciar o projeto no ano passado, a Prefeitura associou a obra à preparação da cidade para a Copa de 2014 e para as Olimpíadas de 2016.

Para saber a opinião dos moradores, fomos às ruas ouvir as pessoas a respeito da obra. Erica Dantas, 35 anos, moradora da Vila do Pinheiro, ficou surpresa ao ouvir falar no assunto: “Muro onde? Na Maré?”, questionou. Já a moradora da Vila do João, Maria Teresa Santos, 28 anos, diz que o muro pode proteger, dos tiros, as pessoas que não moram na favela e tem que passar pelas vias expressas. Porém, diz ela, “a violência está em todo lugar e não é um muro que vai proteger as pessoas que estão dentro ou fora da favela”.

João Lima Silva, 45 anos, morador do Morro do Timbau, não vê utilidade nesse muro e acha que a construção é para que os governantes roubem dinheiro. “A barreira só vai servir para esconder a favela”, afirma. Seu Joaquim Severino da Silva, 78 anos, morador do bairro há mais de 40, diz que o dinheiro da construção deveria ser aplicado em escolas e creches.

Para aprofundar o tema, um grupo de fotógrafos populares, moradores de favelas, saiu às ruas das comunidades da Maré registrando, em foto e vídeo, a opinião das pessoas sobre a obra. Segundo Francisco Cesar, fotógrafo da Agência Imagens do Povo, do Observatório de Favelas, e um dos nove colaboradores do coletivo Favela em Foco, a falta de informação dos moradores a respeito do muro foi constatada durante a pesquisa realizada pelo grupo, no ano passado.

Não vai beneficiar ninguém da Maré

“O muro vai ser enfeitado com paisagens da cidade do Rio de Janeiro, principalmente dos pontos turísticos da zona sul, para as pessoas falarem: ‘Olha que lindo!’ Ou seja, as imagens vão enfeitar a via expressa. E dentro da favela? Essas barreiras servirão apenas



Trecho da Linha Vermelha que deverá receber o muro

para tampar a visão do turista, para que não veja o feio”, analisa o fotógrafo. Ele se diz contra principalmente por dois motivos: porque não é para beneficiar ninguém da Maré e porque estão gastando dinheiro público que poderia ser usado em outra obra.

O resultado do trabalho dos fotógrafos foi editado em vídeo, com o título “Muro, Vulgo Barreira Acústica”, exibido durante sessão do Cine Clube Sem Tela, na Nova Holanda, em novembro passado, e disponível em: favelaemfoco.wordpress.com (desça a barra de rolagem até ver o título).

O que é o coletivo Favela em Foco

O coletivo Favela em Foco foi criado para que os alunos da Escola de Fotógrafos Populares, que não têm equipamento próprio, continuem fotografando. A ideia surgiu em 2007 com moradores do Jacarezinho, que criaram o Jacarezinho no Foco. O trabalho é pautado na vida das pessoas que moram na favela e no pertencimento ao local. Depois que a documentação fotográfica e audiovisual é feita, o coletivo volta à comunidade e apresenta o material produzido aos moradores. Assim, o grupo leva adiante a ideia de João Roberto Ripper, criador da escola.



Trabalhador vende biscoito em engarramento na via expressa



As grades deverão ser substituídas por muro

Cursos variados



Só para mulheres

O Centro de Referência de Mulheres da Maré – Carminha Rosa (CRMM-CR) divulga a abertura de novos cursos e a continuação das Oficinas Sociais para moradores do bairro.

Mini-cursos de Culinária. Dez vagas para cada mini-curso com cardápios variados. Aulas às terças-feiras à tarde, no CRMM-CR.

Oficinas Sociais. Aulas de dança e teatro. Dança: às terças à tarde e quartas pela manhã para mulheres; e às terças e quarta pela manhã para crianças. Teatro: às quintas à tarde para mulheres e terças e quintas pela manhã para crianças.

O CRMM-CR fica na rua 17, Vila do João, ao lado do Posto de Saúde.

Opções diversificadas

Informática / Projeto Conectando. Até 30 de janeiro, é possível se inscrever no curso de Windows, Word, Excel e Power Point, oferecido pela Redes de Desenvolvimento da Maré para moradores do bairro com mais de 12 anos de idade. Leve duas fotos 3x4, xerox do comprovante de residência, da identidade, do CPF, além de comprovante de escolaridade e cópia do cartão do NIS. A contribuição mensal é de R\$ 15. Local: Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda.

A Ação Comunitária do Brasil está com inscrições abertas para diversos cursos. Veja abaixo e aproveite!

Projeto Juventude Cidadã. Curso na área de Gastronomia, com início em 01/02. Faixa Etária: 18 a 29 anos. Bolsa auxílio de R\$ 100. Os educandos devem estar cursando ensino fundamental ou médio ou ter o ensino médio concluído, mas não podem estar cursando o ensino superior.

Projeto Outra Beleza. Curso de Manicure e Cabelo Afro. Faixa Etária: 18 a 35 anos.

Projeto Planseq. Cursos de Pedreiro pintor, pedreiro azuleijista, auxiliar de escritório e encanador e electricista.

Capoeira. Turmas para crianças de 5 a 14 anos, às segundas, terças e quintas-feiras. Há previsão de abrir turma para pessoas com mais de 15 anos.

Projeto Baú Literário. Dirigido a crianças de 6 a 12 anos, oferecendo contação de histórias e dinâmicas educativas. De 16h às 17h, às terças e quintas.

Oficinas produtivas. I) Serigrafia (estamparia em tecido); II) Cerâmica; III) Bonecas Banto e Nanaori; IV) Costura.

Informações e inscrições na Ação Comunitária do Brasil, na rua 11, 243, na Vila do João. Tel: (21) 2260-3197.

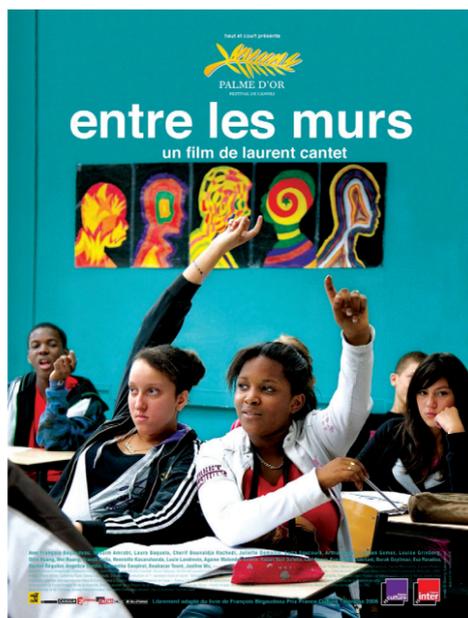
Livros



Guia Afetivo da Periferia

Marcus Vinícius Faustini faz um inventário do cotidiano carioca em seu “Guia Afetivo da Periferia”, uma leitura informal reveladora de uma beleza que, muitas vezes, passa despercebida pela maioria. Além de citar locais onde se pode comer e beber bem (aliás, está lá a carne de sol da Galega, da Nova Holanda!), o autor – criado no Cezarão, em Santa Cruz – conta muitas histórias vividas por ele na cidade. Estratégias empregadas para escapar do tédio das longas viagens de trem e as maneiras de chegar em casa tarde da noite são apenas exemplos do que o leitor encontrará nas 188 páginas do livro, lançado pela editora Aeroplano em dezembro. À venda por R\$ 30, mas é possível encontrar com desconto em www.livrariadatravessa.com.br.

Filme



Entre os muros da escola

Filmes que se passam em sala de aula são quase um “gênero” cinematográfico. E parece que já possuem um formato pré-determinado: uma turma problemática, às vezes violenta, e um professor, geralmente durão, mas disposto a mudar o futuro daqueles garotos. Talvez resida aí o grande mérito do filme francês “Entre os muros da escola”: Ele foge desse esquema.

O diretor Laurent Cantet, baseado nas experiências relatadas no livro do professor François Bégadeau, foi capaz não só de fugir do formato que tradicionalmente vemos em filmes de sala de aula, como inovou fora do gênero também. Os alunos de “Entre os muros da escola” não são atores e quem assumiu o papel do professor foi o próprio François. O que o cineasta fez foi colocar alunos e professor não atores em uma sala de aula, reproduzir algumas questões tratadas no livro que serviu de base e manter a câmera ligada. O que temos é uma ficção, que também é documentário, com interpretações muito boas (sobre tudo dos alunos).

“Entre os muros da escola” foi um dos filmes mais comentados de 2009 e ganhou alguns prêmios. Bons diálogos, um tema que deveria interessar a todos (educação) e um filme inovador: vale a pena ver.

Você pode baixar o filme neste endereço: www.filmescomlegenda.blogspot.com/2009/03/lancamento-entre-os-muros-da-escola.html

Clarabóia

“Conheci Adriana K. em uma sala de aula, se preparando para o exame vestibular. De grande curiosidade intelectual e não menor preocupação social, seus textos já naquela época apontavam para um caminho que está concretizado agora: Adriana é uma escritora! E de prosa e de verso!”

Sua sensibilidade poética – também presente nos seus contos – está aqui, em “Clarabóia”, superiormente aguçada. E posta a serviço não de um “mundo caduco” nem de um “mundo futuro”. Adriana está, com Drummond, “presa” ao tempo presente, aos homens presentes, à vida presente.

“Clarabóia” representa um grande e importante passo na caminhada literária de Adriana. E, sem dúvida, é um belo presente para todos nós.”

João José Coelho, o popular JJ, professor de Português do Pré-Vestibular Redes da Maré

Adriana Kairos é moradora da Maré, faz Letras na UFRJ e é escritora.

Como comprar: envie e-mail para adrianasantoskairos@gmail.com (valor do livro: R\$ 20, mais o valor do frete).

A arte de ir à praia na zona sul

Atores da Vila Cruzeiro discutem a praia como representação do direito à cidade



Ensaio da peça, que discute o direito à cidade

Texto: Sílvia Noronha | Fotos: Shyrlei Rosendo

Favela é cidade. Assim, o morador da favela tem tanto direito de frequentar os espaços públicos da cidade quanto qualquer outra pessoa. E fim de semana de sol é sinônimo de praia – um local público aberto a todos os moradores e visitantes do Rio de Janeiro. Mas algumas praias cariocas são também locais de encontros e desencontros da desigualdade social brasileira. É o que discute de maneira jocosa, alegre, o novo espetáculo do grupo Teatro da Laje, da Vila Cruzeiro, com o curioso título “A acidentada viagem da Vila Cruzeiro à Canaã de Ipanema numa página de Orkut”.

A peça relata as dificuldades enfrentadas por um grupo de jovens da Vila Cruzeiro para encontrar um espaço nas areias da praia da zona sul, num sábado de sol. Os jovens vão de uma faixa a outra, sempre se deparando com a interdição das praias por diversos motivos: final de campeonatos esportivos, área privativa de hotéis de luxo etc.

“O conceito central é o direito à cidade, que foi se formando a partir da percepção do lugar periférico que os jovens do grupo têm dentro da cidade”, afirma o coordenador do Teatro da Laje, Antonio Veríssimo. A praia representa o lugar onde a cidade ao mesmo tempo se encontra e se separa.

O Teatro da Laje é formado por 12 pessoas da Vila Cruzeiro, além do coordenador, que é professor de artes cênicas da Escola Municipal Leonor Coelho Pereira, que fica na comunidade. A estreia da peça foi em dezembro, no Colégio Estadual Gomes Freire, na Penha, para pessoas da comunidade e de outras partes da cidade. A garotada da Vila Cruzeiro caiu na gargalhada diversas vezes, ao se reconhecer na história narrada.

Celebração da cultura das favelas

Aliás, este é um ponto importante do Teatro da Laje: o de dignificar e celebrar a cultura e a estética das favelas. Este critério traz dois efeitos positivos: primeiro, o público local se orgulha de ver seu universo representado no teatro; e em segundo lugar, o público de fora das comunidades tem a chance de dialogar com esse olhar da favela.

Para chegar ao formato final da peça, o grupo pegou depoimentos de moradores da Vila Cruzeiro sobre a ida à praia. A redação do jornal da Maré fez o mesmo e descobriu muitas semelhanças. Antonio Francisco, de 39 anos, morador da Vila do João, na Maré, prefere ir com os filhos adolescentes para as praias da Ilha do Governador. “Não arrisco muito ir para a zona sul, prefiro a Ilha, porque embora a água seja mais suja, a praia é mais segura”, diz ele, que já viu brigas de grupos rivais no Aterro do Flamengo e em Copacabana.

Marcia Lima, de 38 anos, moradora da Praia de Ramos, até gosta do Leme e de Ipanema, na zona sul, mas acha que existe



O grupo em busca de um espaço na areia

preconceito. “É estranho, parece que sabem que somos daqui (da Maré). Acho que os barraqueiros conhecem os frequentadores locais e tratam de maneira diferente quem não é de lá”, comenta. Sua filha e a prima, de 16 e 13 anos, adoram o Leme, mas já passaram por situações indesejadas. Uma vez um barraqueiro não quis abrir o chuveirinho para elas tomarem uma ducha na areia. Por essas e outras, Marcia prefere a praia de Piratininga, em Niterói, onde se sente à vontade entre os frequentadores, além de considerar o mar de lá mais calmo para o filho menor, de 8 anos.

Um dos atores da peça, Daivson Garcia Amorim, de 22 anos, nascido e criado na Vila Cruzeiro, diz que as dificuldades da ida à praia começam no trajeto. Além de enfrentar ônibus lotados, ele percebe que pessoas que moram em pontos distantes de favela costumam “olhar torto” para os moradores de comunidade. “Acho que todos de periferia percebem este olhar, mas ao mesmo tempo em que existe esse desencontro, há também o encontro com os estrangeiros e pessoas da zona sul que não têm preconceito. Essas pessoas nos recebem bem e permitem o encontro”, revela.

Visite o blog do jornal e fique por dentro das próximas encenações da peça (<http://escolhaonomedojornal.blogspot.com/>).

Entenda o título da peça



Veríssimo, diretor

“A acidentada viagem da Vila Cruzeiro à Canaã de Ipanema numa página de Orkut” – O nome “Canaã” de Ipanema é usado porque o espetáculo faz uma paródia, ou seja, cria um paralelo entre a ida à praia e a história da Bíblia chamada “Êxodo”, que revela a peregrinação do povo hebreu pelo deserto, após a saída do Egito, em busca da terra prometida. Assim, a saga ganha um caráter épico e histórico, sempre tratado com um jeito brincalhão pelos atores. E a referência à página do orkut é porque um dos jovens fotografa toda a peregrinação para montar o álbum do passeio, a ser postado neste site de relacionamento.

Mas é Carnaval, é folia, neste dia ninguém chora...

Para esquentar o tamborim, apresentamos duas letras deste ano.

Bira Carvalho | Imagens do Povo



Alegria: crianças vestidas de bate bola correm pelas ruas da Nova Holanda, na Maré

Gato de Bonsucesso Bendita Baderna

Meu amor...

Sua lembrança me fez viajar
A saudade é minha herança
Que aumenta a esperança de
te encontrar
Assim o "Pierrô Apaixonado"
Ouve belas "notas musicais"
"Chorando" por sua Colombina
"Pastorinha" de antigos
carnavais

"Yes, nós temos bananas"
"Allah la ô" mais que calor! (bis)
"A jardineira", "Chiquita
Bacana"
Embalam o sonho de amor do
Pierrô
"Tomara que chova" poesia



Diversão: ala das crianças do Boca de Siri em 2007

"Eu bebo" a folia, a te procurar
Vou pelos blocos, corsos e
cordões
Na beleza dos bailes
nos salões
Com "Theatro" em "Revista"
Na "tela" do "artista"
Não contive a emoção
No sabor da batucada

O olhar da minha amada
Fez pulsar meu coração

"Cidade Maravilhosa"
Batalha de confete e
serpentina (bis)
No palco da "baderna" mais
famosa
O Pierrô encontrou a
Colombina.

Boca de Siri

Um guerreiro chamado Jorge

Um grande guerreiro,
chamado Jorge
À força divina me faz delirar
Viajando no passado,
para homenagear
A trajetória agora vamos
relembrar

Menino da Capadócia
Predestinado
Com dedicação e habilidade
A lealdade em defesa
do cristão
Contra os falsos deuses
da religião
Salve Jorge

E a imensa Legião
Com a lança matou o dragão
Cavaleiro da lua
Me dê sua proteção

Eu estou vestido
Com as roupas de Jorge
Contra o olho grande
Vai me proteger
Coberto pelo
divino manto
Pra nessa hora
nos fortalecer
Bate firme bateria
Meu santo é forte
Guerreiro dos guerreiros
Vamos aplaudir
Eu sou de Ramos
E cheguei pra sacudir

Pata curê Ogum
Ogum pata cure oyá oyá
O Boca de Siri pede licença
Pra lhe exaltar.

Bhega

Não fique aí parado! Participe desta página!
Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

A seção ESPAÇO ABERTO foi criada para que você, leitor do novo jornal da Maré, possa mostrar a todos a sua arte: uma fotografia, uma ilustração, uma poesia, uma crônica! O importante é participar! Envie a sua arte para a Redação do Jornal, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda; ou pelo e-mail: jornal@redesdamare.org.br